

O papagaio dizia "Amo-te"



Talvez por ser órfã de mãe e por o seu pai estar sempre fora de casa, Beatriz cresceu triste e solitária. Na escola, chamavam-lhe Beatriste, porque se sentava sozinha e não queria brincar com os colegas. Em casa, depois de feitos os deveres, metia-se no quarto e lia até adormecer. De manhã, o pai via o noticiário e saía a correr para o escritório, onde ficava a trabalhar até muito tarde.

As conversas eram sempre do género:

- Beatriz, não te esqueças do caderno dos deveres.
- Sim, papá.
- Já puseste o lanche na pasta?
- Sim, papá.
- Não atraveses a rua com o sinal vermelho ou amarelo!
- Sim, papá.

Contudo, numa segunda-feira de manhã, aconteceu algo extraordinário: quando olhou para a janela, Beatriz viu um papagaio grande e verde, e levou-o para casa.

- Olá! - cumprimentou-a ele, na sua voz estridente.

Dias depois, quando a luz da manhã a acordou, o papagaio *Tequilha* estava a descascar uma semente, que segurava com uma pata.

- Bom dia, *Tequilha*! Não cumprimentas a tua Beatriste?

O papagaio acabou de descascar a semente, comeu-a com prazer e bradou:

- Amo-te!
- Quem te ensinou isso? - perguntou Beatriz.
- Só os adultos usam essa palavra...

E Beatriz compreendeu o que acontecera: *Tequilha* repetia, cada manhã, o que o pai lhe dizia à noite, quando ela já dormia. ■

